

O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE
na
Rua do Hospicio 35

Preço da assignatura por mez

Para a Corte 1\$000
Para as Províncias... 1\$500

AS ASSIGNATURAS
começam
no 1.º de cada mez

A DÉSFORMA DE UM DEFUNTO

XII

(Continuação.)

O que foi Sacco-de-Gesso a datar daquelle dia, perguntem-n'o a todos esses rapazes perdidos que a justiça *correcional* vê periodicamente sentar-se nos bancos dos accusados.

Viveu aqui e acolá — um pouco em toda parte — prestando a sua actividade, a sua intelligencia, o seu conhecimento dos mysterios de Pariz a todas as obras tenebrosas que se executavam de noite, e preludiando por toda a especie de depravação precoce as mais audaciosas façanhas que deveriam fatalmente conduzi-lo perante o tribunal do jury.

Francina ignorava que o mal tivesse sido tão rapido e que fôsse tão profundo.

Para ella Sacco-de-Gesso tinha-se conservado o mesmo que era.

Todas as vezes que elle ia visitá-la, não deixava nunca de entregar-lhe algum dinheiro, que economisára, dizia, para sua mãe.

Não se podia senão louvá-lo por tão bom sentimento, e era com dous sonoros beijos que Francina lhe agradecia.

Na realidade, Sacco-de-Gesso não ia vel-a senão por isso.

Sem fazer idéa nem ter consciencia do que sentia, amava Francina com instinctivo e profundo amor.

No dia seguinte áquelle em que encontrára Gontran, Francina levantara-se mais cedo que de costume.

Tinha dormido mal.

A tez de seu semblante perdêra o brilho; escura sombra tornava saliente o contorno de suas palpebras.

Como de ordinario, procedeu ella ao arranjo do seu aposento, abriu a janella, regou as plantas, desceu com a sua vasilha para buscar o leite, e voltou a preparar o seu modesto e frugal almoço.

Mas, cousa singular! por diversas vezes sentou-se junto á janella, que o sol inundava de luz, sem poder resolver-se a começar o seu trabalho.

Permaneceu assim uma boa hora; depois, vexada, inquieta mesmo com semelhante estado, cuja causa lhe era ainda desconhecida, fez um esforço sobre si mesma, repeliu os pensamentos que a importunavam, e entregou-se resolutamente ás suas occupações.

Tinha dado apenas alguns pontos na costura, quando ergueu vivamente a cabeça e prestou attenção.

Acabava de ouvir um passo na escada...

O coração pôz-se a bater-lhe, e vivo rubor lhe subiu ás faces...

Conteve a respiração e esperou.

Segundos depois, lhe batiam á porta.

Francina sentiu quasi tanto medo quanta curiosidade.

— Entre! disse com voz profundamente perturbada. A porta abriu-se, e Gontran entrou.

Francina estava longe de esperar semelhante visita. Não se mostrou, entretanto, muito sorprendida, e ter-se-hia podido mesmo acreditar que não estava contrariada.

— Minha senhora, disse então Gontran inclinándose, espero que me desculpará a indiscreção do passo que dou, em vista do motivo que o dictou: como quanto me pareça ocioso occultar que o prazer de vê-la muito influir na determinação que tomei, devo, em abono da verdade, declarar que ao meu procedimento não foi inteiramente estranha a curiosidade.

— A curiosidade!... repetiu Francina buscando comprehender.

— Admira-se?

— Mas...

— Bem! se quer conceder-me alguns minutos de attenção, vou tentar explicar-me com mais clareza, e talvez consigamos os dous destringar o mysterio em que me acho envolvido de hontem para cá.

XIII

Por unica resposta, Francina indicou uma cadeira a Gontran, e este apressou-se em sentar-se ao lado della.

— Minha senhora, proseguiu Gontran, após ligeira pausa, desde que tive a felicidade de vel-a, tenho pensado muito na senhora; a sua imagem não me tem abandonado, e, se porventura pudesse por momentos esquecê-la, o que me aconteceu hontem á noite ter-m'a-hia imperiosamente recordado.

— E que foi que lhe aconteceu? perguntou Francina.

— Imagine que fui hontem aos *Italianos*.

— Sózinho?

— Com alguns amigos.

— Mas disse-me que não conhecia ninguém em Pariz.

— Era exacto... ha quarenta e oito horas.

— E depois?

— Depois tive o prazer de atar algumas relações.

— Vejo que o senhor não perde tempo... Emfim, isso é lá comsigo.

— E' uma censura que me está fazendo?

Francina fez um gesto de indiferença.

— De facto, disse, sou indiscreta... e as minhas observações são realmente descabidas... Demais, fui interrompel-o, e estou anciosa por saber...

— Eu vou satisfazel-a. Primeiro que tudo, devo dizer-lhe que, logo ao começar o espectáculo, avistei, em um camarote fronteiro ao nosso, uma moça cujo semblante profundamente me impressionou.

— Ah! Era bonita?

— Formosissima.

— Muito moça?

— Dezoito annos apenas.

— E quem era essa moça?

— Chamavam-n'a Julieta d'Orvado.

Ao pronunciar este nome, Gontran não perdeu Francina de vista, e, com grande pasmo seu, viu-a fazer um movimento.

— A senhora conhecerá por acaso essa moça? perguntou elle vivamente, antes que Francina tivesse tempo de serenar-se.

— Eu! exclamou esta.

E, após um segundo apenas de hesitação, fitou o seu limpido olhar em Gontran, como que para certificar-se se sob aquella pergunta não occultava elle alguma cilada.

Gontran, porém, era tão sincero quanto Francina podia ser ingenua, e esta recuperou logo toda a sua confiança.

— Julieta d'Orvado respondeu ella com simplicidade, é quasi uma amiga para mim. Comquanto as nossas condições sejam diferentes, ella tem-me afeição e algumas vezes vou trabalhar junto della.

— Tudo isso é muito natural; mas o que me impressionou, o que me impressiona ainda neste momento em que lhe estou fallando, é a inaudita semelhança que notei existir entre essa moça e a senhora!

Francina sorriu-se com ar constrangido.

— Com effeito, disse ella, tem-se-me dito isso muitas vezes.

— E' muito estranha essa semelhança, e talvez deva eu á impressão que ella me causou a aventura de que lhe fallava.

— Que aventura foi então?

— Foi em um entre-acto.... achava-me sózinho no camarote.... e, acredite-me, Francina, affirmo-lhe que pensava na senhora.... Tinha-me isolado.... seguia embevecido as voltas indecisas de mil sonhos seductores, quando uma mulher, entrando no camarote,

me perguntou se era eu que me chamava Gontran, e, tendo-lhe respondido affirmativamente, me entregou um bilhete escripto por mão de mulher.

— Quem o enviava?

— Ignoro.

— Emfim, que continha esse bilhete?

— Eil-o aqui... leia-o, e diga a senhora mesma o que devo pensar.

Francina pegou no bilhete que lhe apresentavam, e leu avidamente o seu conteúdo.

Quando acabou de lê-lo, pol-o, sem dizer nada, em cima da janella.

— Então? perguntou ancioso Gontran, que devo pensar de tudo isto? Póde esclarecer-me semelhante mysterio, e acredita, como eu, que quem me enviou esse bilhete foi Julieta d'Orvado?

Francina pareceu reflectir ácerca da decisão que devia tomar.

— Sr. Gontran, disse afinal em tom quasi solemne, conheço-o apenas por tel-o casualmente encontrado nas ruas de Pariz; os poucos momentos, porém, que passei em sua companhia me inspiraram séria confiança em sua honra e em sua lealdade...

— Ah! tem razão, Francina, exclamou Gontran; se algum dia tiver que me pedir algum serviço, juro-lhe que a minha vida e o meu sangue lhe pertencem.

— Pois bem, o bilhete que o senhor recebeu é de Julieta.

— Então ella me conhece?

— Talvez.

Gontran fez um signal de denegação.

— E' impossivel! replicou; pense bem... eu cheguei ante-hontem, e até então tinha vivido isolado, ignorado, perdido no fundo de uma provincia deserta e quasi selvagem.

— Talvez tenha recebido alguma participação de seus parentes.

— Não os tenho.

— De sua mãe?

— E' morta, disseram-me.

— E seu pai?

— Nunca o conheci.

Francina estremeceu, e por instinctivo movimento de sympathia estendeu a Gontran uma delicada mão-sinha, de que elle se apoderou e que conservou nas suas.

— Como! disse ella; o senhor é sózinho no mundo, sem familia, sem mãe de quem teria sido orgulho e alegria?... Oh! é horrivel!...

— Francina, como a senhora é bondosa!

— E eu que o ignorava... Deus meu, sem pensal-o, poderia ter dito alguma cousa que o magoasse!...

— A senhora! a senhora, Francina!... Ah! desde que a vi, me parece que estou consolado, e se alguma cousa puder suavisar o triste isolamento a que a minha vida se acha condemnada, será á senhora, será unicamente á sua amizade que o deverei.

E como, assim fallando, Gontran aproximasse dos labios a mão que apertava nas suas, Francina apressou-se em retirá-la, e mudou de conversação para poupar novas tentações ao seu interlocutor.

— Não peço que me dê provas da sua amizade, disse com travesso sorriso; além de que, temos agora que fallar de outro assumpto.

— De Julieta, disse Gontran.

— Não foi por causa della que o senhor veio?

— Com effeito, foi.

— Pois bem, se ignoro o que ella espera do senhor e de mim, posso ao menos esclarecel-o ácerca de certos segredos do palacete d'Orvado, que lhe será muito util conhecer.

— Que segredos? interrogou o moço.

Francina meneou a cabeça.

— Não! disse ella, hoje não. Quero primeiramente fallar com Julieta, e vou ter com ella já... Depois que eu lhe houver fallado, o senhor virá procurar-me, e então não terei mais escrúpulos em confiar-lhe tudo...

A moça ia continuar ainda, quando de repente applicou o ouvido, inclinando-se para o lado da porta.

— E' Sacco-de-Gesso, disse em voz baixa a Gontran.

— Receia que elle me veja aqui? perguntou este ultimo.

— Desejo ao menos que elle não ouça o que eu tenho que lhe dizer.

— Mas elle não está sózinho... ouço distinctamente duas vozes no corredor.

Francina já se havia levantado, ao mesmo tempo que Gontran, e tinha ido abrir a porta.

Estavam no patamar duas pessoas, que se voltaram ouvindo o ruido.

Uma dessas pessoas era Sacco-de-Gesso.

A outra era o barão de Lorsay.

O barão comprimintou.

— Perdão, senhor, disse elle com perfeita cortezia, desejava fallar á viuva Dumont, e, não a encontrando em casa...

— A Sra. Dumont sahio, respondeu Francina; mas, se tem alguma cousa que lhe dizer, seu filho e eu de boa vontade nos incumbiremos de lhe dar o recado.

— Mil vezes agradecido, minha senhora, tornou o barão de Lorsay, e peço-lhe unicamente o obsequio de entregar o meu cartão de visita á Sra. Dumont, rogando-lhe que vá á minha casa o mais brevemente que lhe seja possivel.

Gontran recebeu o cartão para entregal-o a Francina; mal, porém, lhe deitou os olhos, correu para o barão, que já se ia retirando.

Este voltou-se.

— Que é? perguntou medindo Gontran com um começo de desconfiança.

Gontran relia ainda o bilhete, que conservava na mão.

— E' realmente com o Sr. barão de Lorsay que tenho a honra de estar fallando? perguntou com algum enleio.

— Sem duvida.

— Nesse caso, o encontro é singular...

— Que encontro?

— Acho-me em Pariz ha dous dias, Sr. barão, e sou portador de duas cartas, uma das quaes lhe é dirigida.

O barão fez um movimento, e o seu olhar envolveu curiosamente Gontran.

— De onde vem o senhor? perguntou-lhe ao cabo de um momento.

— Da Bretanha, respondeu o moço.

— E como se chama?

— Gontran.

— Quem lhe entregou a carta de que é portador?

— Um soldado veterano, que me educou.

Seguiu-se uma pausa.

O barão continuava a examinar Gontran, e, a despeito da sua fria impassibilidade, reconhecia-se que havia no seu olhar um laivo de enternecimento.

Afinal, sacudiu elle ligeiramente a cabeça e pareceu afugentar importunas remeniscencias.

— Ignoro, disse então, o que póde conter a carta que o senhor tem para entregar-me; o desconhecido, porém, teve sempre para mim um poderoso attractivo, e confesso que estimaria saber.

— Não seja essa a duvida, disse Gontran; a minha residencia fica a poucos passos daqui, e, se o Sr. barão quizer acompanhar-me...

— Com todo o gosto... O meu carro acha-se á porta, e conduzir-nos-ha á sua casa.

Gontran voltou-se para Francina.

— Consente, minha senhora? disse-lhe estendendo-lhe a mão.

Francina pôz-se a sorrir.

— Pois não! respondeu; e tanto mais quando eu tambem vou sahir, o senhor sabe para que fim.

— Mas tornarei a vê-la?

— Daqui a algumas horas, se lhe aprouver.

E a moça, fazendo um gesto de adeus a Gontran, comprimintou com gravidade o barão de Lorsay, e recolheu-se ao seu aposento.

Este incidente mudára a natureza de suas disposições.

Não lhe sahia da mente o que Gontran lhe dissera, e a sua curiosidade estava extremamente acêsa ácerca do bilhete de Julieta d'Orvado.

Não sabia Francina o que pensar daquillo... — Houve até um momento em que chegou a duvidar do que tinha lido e desejou ler novamente aquelle inexplicavel bilhete. Pôz-se a procural-o e não o achou. Que fim levára elle?

Recordou-se de tel-o posto no peitoril da janella... cuidou, porém, que Gontran o houvesse tirado, a menos que o vento o lançasse á rua.

Tomou logo uma resolução... e como queria ficar socegada a respeito de todos esses mysterios, deitou rapidamente um chale aos hombros, e partiu para o palacete d'Orvado.

Ora, não fôra o vento, não fôra Gontran tão pouco que fizera desaparecer o bilhete de Julieta...

O culpado fôra Sacco-de-Gesso, e a subtracção tinha sido operada com dextreza e agilidade que promettiam mais um ladrão para o futuro!

O barão e Gontran estavam conversando, Francina prestava attenção ao que elles diziam.

Fôra nessa occasião que Sacco-de-Gesso entrára no aposento, e, depois de haver volvido em torno o seu olhar de lynce, acabára por descobrir o objecto cubigado.

Sacco-de-Gêso possuía um fardo de perdigueiro e um facinho de fuinha.

Se Francina era o typo mais perfeito da costureira parizense, o rapaz resumia, na sua physionomia, os mais característicos traços do que pittorescamente se chama o pallido garoto:

Rosto comprido e amarello, cabellos corridos, peito acanhado, mostrando os ossos sob a blusa, o olhar obliquo e falso, cuja flama vacillante parecia não ter senão reflexos intermitentes.

Uma vez de posse do bilhete, não se demorou em escutar a conversação que lhe parecia destituida de actualidade, e, ganhando lesteamente a escada, deu-se pressa em desaparecer. Tinha o que queria, e não exigia mais.

Em meia hora chegou á rua des Petits-Carreaux.

Era o ponto que Polichinello lhe marcára para se encontrarem.

Polichinello, porém, não estava alli sózinho.

No quarto onde elle recebeu Sacco-de-Gêso se achava também o conde des Aiglades.

Sahindo da tasca da praça Maubert, Polichinello enviára ao conde um recado urgente, que, sob uma forma mysteriosa, devia fazel-o suspeitar o perigo que corria, e o conde, cujo espirito se conservava sempre alerta, não se demorára em acudir ao chamado.

Logo que entrou, ficou impressionado pela agitação de Polichinello.

— Que é? que aconteceu? perguntou, admirado do estado em que encontrava o seu complice.

— Uma cousa impossivel! inverosimil... insensata! Ha poucas horas vi Didier...

— Ora, pois não!

— Fallei-lhe, affirmo! e, se não tomas precauções energicas, estás perdido, bem como a condessa.

Polichinello exprimia-se com tal accento de sinceridade, que forçoso foi ao conde tomar a serio as suas palavras.

— Então, disse elle ao cabo de alguns segundos, Didier está em Pariz?

— Desde alguns dias, respondeu Polichinello.

— E que vem aqui fazer?

— Vem vingar-se.

O conde fez um gesto ironico.

— Oh! que tenho eu que receiar d'elle? disse; não posso com uma palavra envial-o de novo para o logar donde vem? Todas as armas que poderia empregar contra mim se voltariam infallivelmente contra elle. — Não foi condemnado? Não está morto civilmente? Que espera então? Que póde fazer?

Polichinello aproximou-se ao ouvido do conde.

— E se elle tivesse em seu poder, murmurou, os testemunhos de sua innocencia e as provas manifestas de nossa culpabilidade?

— Isso é porventura verosimil?

— Comtudo, essas provas existem.

— Onde estão ellas?

— Em poder da condessa.

— Elle disse-t'o?

— Embora não m'o haja dito, tenho a certeza de que conhece o meio de arrancal-as das mãos della quando fôr chegada a occasião.

O conde des Aiglades fez um movimento, e uma ruga se lhe cavou na fronte.

— Tudo é possivel, balbuciou; a mulher que trahi seu marido é muito capaz de vender seu complice. E deu alguns passos pelo aposento.

— E dizer, exclamou com azedume, que ha quinze annos tenho a minha vida suspensa de semelhantes ameaças! Sim, essas provas existem, eu o sei, ella m'o tem dito! e é com o phantasma desse passado criminoso que me assusta e me tem preso!

— Mas Julieta?

— Julieta...

— Não me disseste que ella te era dedicada, que devia servir-te, que enfim...

O conde apertou com força o braço de Polichinello.

— Julieta... repetiu com voz em que tremia estranha emoção; pobre criança! o seu coração é candido, sua alma é pura, tive compaixão della, rodeei-lhe a infancia de affeição e de cuidados. Seria simplesmente o interesse que me inspiravam sua mocidade e sua formosura? Ignoro-o; queria, porém, substituir junto della o pai que lhe tirei.

— E não o tens conseguido totalmente.

— E' o meu terror...

— A pequena tomou a affeição paternal por amor.

— Ah! tenho ainda a esperanza de enganar-me.

— E eu, que sou desinteressado na questão, não me engano e digo-te que ella te ama!

O conde estremeceu; mortal pallidez espalhou-se-lhe no semblante.

— Seriaahi que estaria o perigo, se o que supões fosse possivel, respondeu elle possuido da mais violenta perturbação. Desconfie a condessa desse amor, e estou perdido. Possa ella acreditar uma hora, um minuto, que eu o solicitei, e me entregará como entregou o marido.

— E' de crer,

— E nada... nenhum sahida para esta situação fatal, que de mais a mais a volta de Didier vem complicar.

Polichinello olhou durante um momento para o conde com um laivo de compaixão ironica; depois, tocando-lhe no hombro levemente:

— Vamos, disse elle em tom entre faceto e serio; nunca te tornaste notavel pela tua firmeza, e quero ainda uma vez acudir em teu auxilio.

— Tens algum meio de tirar-me deste embarço?

— Ouve... Dous perigos te ameaçam presentemente... um vem de Didier... o outro da condessa d'Orvado.

— E' isso justamente.

— Cuidemos então do primeiro.

— Que queres tu fazer?

— Ora! denuncia-o!...

— Ao promotor publico?

— Isso levaria muito tempo; conheço cousa melhor...

— A quem então?

— Senta-te a esta secretária, pega na penna, e escreve... o que eu vou dictar.

(Continúa no proximo numero.)